

MaNews

"É muito adequado e correto colocar uma moeda na tzedacá (caixinha de caridade) antes de fazer qualquer mitsvá".

Rebi

Yossef Hatzadik



Com a Porção desta semana da Torá, Vayechi, concluímos o Livro de Bereshit. "Então Yossef faleceu, aos cento e dez anos... e ele foi colocado num caixão no Egito" é seu versículo final. Esta conclusão do livro inteiro é um tanto surpreendente, tendo em vista o princípio de que "deve-se sempre terminar com uma nota positiva". Por que Bereshit não poderia ter concluído alguns versículos antes, quando vimos que Yossef teve uma longa vida e mereceu ver seus netos e bisnetos? Por que a descrição da morte de Yossef não poderia ter esperado até o Livro de Shemot?

Devemos portanto concluir que o falecimento de Yossef está de certa forma relacionado com o tema do próprio Bereshit. A diferença básica entre Bereshit e os outros quatro Livros de Moshê é que Bereshit relata a história inicial de nossos antepassados e das doze tribos – a preparação para nossa existência como uma nação distinta – ao passo que os outros quatro livros contêm uma narrativa de nossa história como um povo.

O Livro de Bereshit começa com uma narrativa da criação do mundo. O Sábio, Rabi Yitschac, explicou que embora a Torá devesse ter começado com um mandamento prático, D'us escolheu começá-la com a Criação para refutar os argumentos dos gentios, que um

dia alegariam que os judeus tinham roubado a Terra de Israel das nações que ali viveram antes de sua conquista.

Para registrar sua afirmativa, os judeus dirão: "O mundo todo pertence a D'us; Ele o criou e dividiu como julgou apropriado. Foi Sua vontade dá-la a eles, e foi Sua vontade tirá-la deles e dá-la a nós." Certamente D'us não mudou toda a ordem de Sua Torá apenas para dar uma resposta aos argumentos dos gentios. Os comentários de Rabi Yitschac devem portanto conter um ensinamento mais fundamental para o povo judeu como um todo.

Os países do mundo são conhecedores da missão especial dos judeus. Sua alegação, no entanto, é que exatamente porque os judeus são diferentes, eles deveriam limitar-se ao serviço espiritual de D'us e não se aterem a uma terra física.

Como os judeus são um povo como nenhum outro, não devem ter o direito de alegar a propriedade de um país. Para o não-judeu, os reinos espiritual e físico são incongruentes e incompatíveis. "O mundo inteiro pertence a D'us" – explica o judeu – o mundano e o espiritual. Ambos requerem santificação por meio da luz da santidade – a missão sagrada do judeu.

Com este conceito tem início o Livro de Bereshit, e com esta nota ele termina. O caixão de Yossef permaneceu no Egito para fortalecer e inspirar os Filhos de Israel durante seu exílio ali. Yossef é um símbolo da capacidade do povo judeu de superar até o mais difícil dos obstáculos, imbuindo até a matéria física mais comum com santidade e trazendo a longamente esperada Redenção.

Perguntas & Respostas

Qual a sua desculpa para não ir à sinagoga?

Você é a terceira pessoa nessa semana a me explicar por que não vai à sinagoga. Isso acontece comigo o tempo todo. Em quase todo evento que vou, casamento, festa de aniversário ou reunião comunitária, alguém vem a mim e diz: "Rabino, sabe por que não vou à sinagoga..."

Eles sentem a necessidade de partilhar comigo sua queixa judaica específica. Jamais perguntei a ninguém por que não vai à sinagoga. Nem sequer conheço essas pessoas. E apesar disso elas sentem necessidade de partilhar comigo sua queixa particular, seja sobre o rabino pouco amigável ou o cantor arrogante, o avô que as forçava a rezar ou o D'us que não respondeu às suas preces.

É engraçado, não sinto necessidade de justificar ao meu dentista por que jamais o procuro, ou à academia local por que eles jamais me veem. E apesar disso quando as pessoas veem um rabino são dominadas pela urgência de explicar sua ausência da sinagoga. Veja você, as pessoas que vão à sinagoga não parecem ter um bom motivo para ir. Mesmo alguém que não tem ido à sinagoga durante anos pode aparecer em um serviço, e sem qualquer justificativa para sua súbita aparição, entra, pega um sidur, livro de orações, e se senta como se ali fosse o seu lugar.

Porque ali é o lugar delas.

Um judeu não precisa de um motivo para estar na sinagoga. Não há explicação necessária. Na maior parte do tempo, eles próprios não sabem por que começaram a frequentar a sinagoga. E portanto não oferecem racionalização. Você somente precisa de um motivo para não ir à sinagoga. Mas para ir, nenhum motivo é necessário. Estou aqui porque sou judeu, e ir à sinagoga é judaico. É por isso que adoro ouvir aqueles álbis que as pessoas apresentam para não estar na sinagoga. Um judeu precisa de um motivo para não se conectar ao Judaísmo. Alguns podem ter boas razões, como as suas. Porém mesmo assim são razões. Um judeu não precisa de razão para se conectar ao Judaísmo. É isso que somos. Se você não gosta da sua sinagoga, encontre outra. Até que o faça, todas as justificativas no mundo não mudarão o fato de que você é um judeu, e um judeu deseja ser judeu.

Alan Veingrad é, ao que se sabe, o único atleta judeu em um esporte de equipe nos Estados Unidos que adotou um estilo de vida ortodoxo. Antes de se tornar observante, Veingrad foi um jogador de futebol americano profissional durante sete temporadas do NFL e ganhou um Super Bowl com o time Dallas Cowboys, em 1993. Chegar lá não foi fácil. O jogador se auto descreve como um jogador de futebol medíocre na escolada segundo grau, em Miami. Ele estudou na East Texas State University e "nunca aspirou a jogar na Liga Nacional de Futebol americano". Veingrad voltou suas atenções para a NFL, quando um técnico do time da faculdade disse que ele tinha o tamanho e as habilidades para uma carreira profissional. Ele trabalhou duro e foi assinado como um agente livre (ele não foi convocado), com o Green Bay Packers.

Crescendo, o Judaísmo não foi realmente celebrado e que teve muito poucas experiências judias. Até que um dia enquanto jogava com os Packers do Green Bay, ele recebeu um telefonema de um jornalista judeu que o convidou para um serviço de Yom Kippur. Apesar de não conhecer a pessoa, ele foi para o serviço e gostou muito. Ele se sentiu inspirado a fazer mais. Depois de ganhar o Super Bowl ring, ele deixou o esporte. "Já era



o suficiente", diz ele. "Meu corpo estava doendo. Me faltava a paixão para o jogo. E ele tinha outras prioridades - ele se casou na semana após o Super Bowl. Ainda assim, diz ele, "foi uma decisão muito difícil. Quem abandona este tipo de

Financeiramente estabelecido, trabalhando no mundo dos negócios, ele sentiu um "vazio". Ele tinha lido um artigo sobre sua vida no jornal e percebeu que sua vida tinha sido até então realmente superficial. Ele sentiu que havia mais na vida. Um primo, um judeu ortodoxo radiologista que tinha oferecido assistência médica gratuita durante a carreira do jogador, convidou Veingrad e sua família para uma refeição na sexta à noite. "Eu fui mais por uma obrigação", diz Veingrad. O

primo de Veingrad sugeriu uma aula de Torá em uma sinagoga local. Mais uma vez, ele foi "como uma obrigação" para seu primo. Uma observação sobre o "materialismo", no último minuto do discurso do rabino, deixou Veingrad intrigado, quem estava cansado de conversas de amigos sobre bens caros e férias. Ele começou a ler os Cinco Livros de Moisés, que foi em grande parte ignorado enquanto crescia. "Eu fui criada como a maioria dos judeus neste país", diz Veingrad. Sua educação judaica tinha terminado no bar mitzvah. "Eu faltei muito do hebraico da escola." Como um adulto, "Eu não sabia quando era Rosh Hashaná a metade do tempo."

A Torá, ele agora percebia, estava "cheia de mensagens inspiradoras", do tipo que tinha encontrado uma vez em biografias esportivas. Lentamente, ele começou a frequentar aulas e refeições do Shabat. "Eu queria sentir o tempo todo a inspiração eu senti nas noites de sexta-feira," ele diz. Depois de uma viagem para Israel há quatro anos, quando ele começou a usar um kippá e tsitsit, ele e sua esposa e três filhos decidiram comprometer-se a uma vida observante. Sua cozinha foi kasherizada, as crianças foram matriculadas em escolas judaicas. Alan tornou-se Shlomo, o nome hebraico que havia recebido ao nascer. "Eu nunca olhei para trás. Minha paixão é pelo Judaísmo".

Hoje, Shlomo Veingrad é um consultor imobiliário na Flórida e um palestrante motivacional viajando ao redor do país as pessoas inspiradoras.

Uma vez ...

Os judeus de Karlsruhe, na Alemanha, receberam o direito de viver como cidadãos e em condições relativamente pacíficas a partir do final do Século 17. A comunidade judaica então prosperou nessa cidade, localizada às margens do Rio Reno e a curta distância da França. Shmuel Straus, um banqueiro nessa cidade, tinha uma vida feliz, livre para passar seu tempo extra criando os filhos, fazendo boas ações e estudando Torá na sua vasta biblioteca repleta de livros judaicos. Shmuel ganhava apenas o suficiente para sustentar a família sem preocupações. Era conhecido como um homem temente a D'us e fazia todos os seus negócios honestamente.

O primeiro empreendimento de Shmuel foi dirigir um pequeno banco, dado a ele por seu sogro logo após o casamento. Com uma permissão do governo, Shmuel fazia câmbio de moedas e investia dinheiro para as pessoas. Ele possuía um casaco especial com dois bolsos grandes; num deles colocava os documentos daquilo que tinha a receber e no outro dinheiro vivo. Numa sexta-feira pela manhã, antes de ir para o brit, circuncisão ritual do filho de um amigo, ele vestiu o casaco que costumava no Shabat, feriados e ocasiões especiais, e transferiu os maços de notas que geralmente mantinha em outro casaco.

Após a celebração, ele seguiu seu caminho para o trabalho como de costume, trocando dinheiro e aceitando pagamentos. Ao meio-dia, parou de trabalhar para ajudar em casa nos preparativos para o sagrado Shabat. Depois que sua mulher acendeu as velas do Shabat, ele colocou seu casaco do Shabat, despediu-se da mulher e dos filhos pequenos e dirigiu-se à sinagoga, para as preces da noite de sexta-feira.

O Shabat era um dia especial para Shmuel, e ele o passava em prece, estudando e ficando com a família. Para a refeição sempre tinham muitos convidados. Aquele Shabat não foi diferente. Enquanto caminhava de volta da sinagoga para casa, aproveitava o tempo para pensar sobre as palavras de Torá que diria à mesa. Os convidados logo chegariam com suas famílias à casa de Shmuel.

Sentou-se num banco ao lado da avenida enquanto organizava seus pensamentos, quando de repente percebeu que os bolsos ainda estavam repletos de maços de dinheiro provenientes dos negócios daquele dia.

Criado na tradição de "não carregar no Shabat" – não transferir de um domínio privado (sua casa) para o domínio público (as ruas da cidade), ou vice versa, Shmuel gelou: não podia tolerar a ideia de usar dinheiro que tinha levado para casa no Shabat.

Sentado ali na rua deserta, ele de repente pensou sobre a alegria que teria ao saber que fizera a coisa certa, e rapidamente desabotoou o casaco, jogando as carteiras no chão. Uma sensação de alívio o envolveu. Ele sabia que teria de pagar muitas dívidas, e que seu futuro era incerto. No entanto, sua confiança em D'us lhe permitiu tomar uma decisão que sabia estar

Aquele Shabat foi muito alegre para ele. Sentia que tinha passado no grande teste que D'us colocara em seu caminho, e tinha vencido brilhantemente. Seu júbilo adicional era um mistério para sua família e para os convidados que tinham tomado parte no jantar.

Quando o sol se pôs e as estrelas surgiram, Shmuel recitou a prece especial sobre o vinho na Havdalá, cerimônia que é realizada na conclusão do Shabat. Sua esposa acendeu a vela especial e a família passou o bressamim, fragrância especial, para tranquilizar a alma na despedida do lindo Shabat. Após recitar a bênção após o vinho, Shmuel contou à família o que tinha ocorrido na sexta-feira à noite, revelando assim os motivos para o alegre Shabat. Ele contou também que aquele poderia ser o início de uma vida mais difícil. Sua esposa aceitou a vontade de D'us e assegurou à família que tudo correria bem.

Na mesma noite, Shmuel decidiu examinar o caminho que tinha feito, esperando encontrar as carteiras que tinha jogado. Quando Shmuel abriu a porta de sua casa, a família deu um suspiro de alívio, pois as carteiras estavam intactas com todo o dinheiro dentro. Poucos dias depois, o Ministro das Finanças da região de Baden ouviu falar sobre o confiável Banco Straus, e entregou a Shmuel uma enorme soma de dinheiro. O investimento no banco aumentou e muitas pessoas abastadas investiram sua fortuna com Shmuel.

Hoje, o legado de Shmuel continua vivo em Jerusalém, onde o Pátio Straus, um local de estudo de Torá, leva o seu nome. Seus filhos venderam Straus&Company em 1938 quando fugiram da Alemanha e se estabeleceram na Califórnia.

Acendimento das

Velas:
Manaus
17:55
18:49

Rio de Janeiro
19:23
20:21

S. Paulo
19:38
20:36

Em Honra ao
nascimento de
Levi Yechiel Menashe

Envie suas perguntas e comentários para MaNews@ymail.com